

Religião e religiosidade em Vale Vêneto/RS

JORGE VINICIUS QUEVEDO DA CRUZ*

Resumo: Com esse trabalho buscamos analisar a religiosidade entre um grupo de imigrantes e descendentes de italianos em Vale Vêneto/RS, comunidade da Quarta Colônia de Imigração Italiana do Estado do Rio Grande do Sul. Entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XIX, e ainda nos dias atuais, essa religiosidade se manifestou através da construção de obras na localidade. Tais construções demonstram a forte devoção religiosa entre imigrantes daquele núcleo colonial, inicialmente manifestada através de uma capela, determinado pela presença da religiosidade popular entre os colonos. Já em um segundo momento, no contexto de romanização da Igreja Católica no Brasil, temos a chegada de duas congregações religiosas: a Pia Sociedade das Missões (padres e irmãos palotinos) e as Irmãs do Imaculado Coração de Maria. Essas congregações buscavam condicionar os imigrantes a doutrina católica, os palotinos por meio da construção de uma Igreja Matriz, um Seminário católico e algumas associações religiosas. Já as Irmãs de Maria, construindo uma escola de ensino confessional para receber crianças e adolescentes, instituindo uma ligação entre educação e religião, ao mesmo tempo, formando postulantes a carreira religiosa.

Palavras-chave: Vale Vêneto/RS; religiosidade; romanização.

Abstract: With this work we seek to analyze the religiosity between a group of immigrants and descendants of Italians in Vale Vêneto/RS, community of the Fourth Italian Immigration Colony of the State of Rio Grande do Sul. Between the end of the nineteenth century and the first decades of the nineteenth century, and still nowadays, this religiosity manifested itself through the construction of works in the locality. Such constructions demonstrate the strong religious devotion among immigrants from that colonial nucleus, initially manifested through a chapel, determined by the presence of popular religiosity among the settlers. In a second moment, in the context of Romanization of the Catholic Church in Brazil, we have the arrival of two religious congregations: the Pia Society of Missions (priests and brothers pallottines) and the Sisters of the Immaculate Heart of Mary. These congregations sought to condition immigrants to Catholic doctrine, the Pallottines through the construction of a mother church, a Catholic seminary and some religious associations. Already the Sisters of Mary, building a school of confessional teaching to receive children and teenagers, instituting a link between education and religion, at the same time, forming postulants the religious career.

Key words: Vale Vêneto/RS; religiosity; romanization.



* **JORGE VINICIUS QUEVEDO DA CRUZ** é mestrando em História pela Universidade Federal de Santa Maria/RS.

1. Introdução

Quando falamos de romanização¹ da Igreja Católica no Brasil, estamos nos referindo ao período que vai de 1840 a 1962 e, em muitos aspectos, até os dias atuais. A romanização nasceu dos esforços da Igreja para reafirmar seu poder e influência frente às mudanças do mundo moderno (SERBIN, 2008).

De acordo com Roux (2014), a romanização da Igreja Católica partiu dos esforços da Igreja, a nível mundial, de fortalecer e unificar a instituição, reunindo todos os católicos em torno da figura papal. Dessa forma, a Igreja visava enfrentar às mudanças em curso do século XIX, sobretudo, no que se refere ao avanço da modernidade. Era preciso fortalecer a Igreja do ponto de vista político-religioso, reorganizando as relações entre as Igrejas e a Santa Fé. A América Latina, em especial, teria sido favorecida pelo surgimento de novas repúblicas, o que necessariamente acabaria por excluir o padroado régio de seus domínios.

Em toda a América Latina, a partir da segunda metade do século XIX, o advento do Estado liberal entrou em

conflito com a Igreja Católica. A Igreja, que antes defendia os privilégios dos reis em assuntos eclesiais, acabaria ultramontana². Os liberais defendiam que o liberalismo era compatível com o catolicismo, mas que a Igreja enquanto instituição deveria abster-se de assuntos do Estado. Frente a um adversário identificado como liberal, muitas vezes, maçom e protestante, a Igreja posicionou-se veementemente contra estas posições consideradas perigosas para a sociedade em que ela postulava. O processo de romanização da Igreja, a nível mundial, intensificou-se durante o Pontificado de Pio IX. Sob a orientação do Papa, a Igreja buscou reforçar e reafirmar sua doutrina, estabelecida pelo Concílio do Vaticano I (1869-1870) e pela Bula Syllabus (1864).

A Proclamação da República, culminada em 1889, separaria Igreja e Estado, ao mesmo tempo, decretaria a liberdade de culto, oficializaria o matrimônio civil e a secularização do ensino. Para Roux (2014), ao renunciar ao padroado, a Igreja cada vez mais se se tornaria romana. A Igreja, por sua

¹ “A Romanização do catolicismo refere-se à reorganização institucional da Igreja baseada nas determinações da Cúria Romana. Surgiu como desdobramento da orientação política ultramontana da Igreja, a qual se desenvolveu como reação ao mundo moderno. Reflete, portanto, um esforço de adaptação e reação da Igreja aos novos desafios advindos com a ascensão dos ideais iluministas, contidos no liberalismo, no racionalismo e no socialismo os quais questionavam e combatiam sua influência ideológica em várias esferas sociais” (MONTEIRO, 2011, p. 36). “A romanização nasceu dos esforços da Igreja para reafirmar seu poder e influência em meio às grandes mudanças produzidas pelo mundo moderno. Surgiu após os generalizados ataques da Revolução Francesa contra o clero e os privilégios, bens e doutrina da Igreja” (SERBIN, 2008, p. 79).

² “Ultramontanismo foi um termo usado desde o século XI para descrever cristãos que buscavam a liderança de Roma (‘do outro lado da montanha’), ou que defendiam o ponto de vista do papa, ou davam apoio à política dos mesmos. [...] No entanto, no século XIX, o dito termo reapareceu, dessa vez descrevendo a sua reação aos excessos da Revolução Francesa. Portanto, [...] pode-se dizer que o ultramontanismo do século XIX colocou-se, não apenas a favor de uma maior concentração do poder eclesiástico nas mãos do papado, mas também contra uma série de coisas que eram consideradas erradas e perigosas para a Igreja. Entre esses ‘perigos’ estavam o galicanismo, jansenismo, todos os tipos de liberalismo, o protestantismo, a maçonaria, o deísmo, o racionalismo, o socialismo e certas medidas liberais propostas pelo estado civil, tais como a liberdade de religião, o casamento civil, a liberdade de imprensa e outras mais” (VIEIRA, 1981, p. 32-33).

vez, sem perder a esperança de obter alguma ajuda do Estado, aproveitou o contato com a Cúria Romana para obter um rápido desenvolvimento, aumentando o número de dioceses, seminários, conventos e escolas.

No Brasil, uma das formas de aderir à romanização foi apoiar a vinda de congregações religiosas europeias que, em tese, trariam cátedras morais para o catolicismo brasileiro, ou seja, era uma forma de atualizar o catolicismo brasileiro em relação ao europeu. Nesse contexto, faltava encontrar o rebanho necessário para implementar a romanização. Sendo assim, a Igreja acabou por ver nos imigrantes católicos no Sul do Brasil, uma grande oportunidade de disseminar o ideário católico através da Igreja romana. Os imigrantes possuíam um perfil que se encaixava perfeitamente no projeto da Igreja: eram italianos católicos.

Por esse motivo, a Quarta Colônia de Imigração Italiana, no Rio Grande do Sul, inseriu-se nesse cenário; visto que, temos na região de Vale Vêneto³, um grande exemplo de formação de uma comunidade católica, que através do empenho de seus habitantes custearam a vinda de congregações religiosas europeias. Já para a Igreja, essas congregações viriam para somar esforços para a instituição religiosa, instituindo e reforçando o catolicismo romano.

³ Vale Vêneto é um distrito da cidade de São João do Polêsine, localizado na chamada “Quarta Colônia de Imigração Italiana”, região central do Estado do Rio Grande do Sul, aproximadamente a 40 km de Santa Maria (centro do Estado) e a 273 km de Porto Alegre.

2. A religiosidade entre os imigrantes italianos

A história de Vale Vêneto, remonta a 1878, com a chegada dos primeiros imigrantes italianos naquela localidade. O lugar que recebeu o nome de “Buraco”, devido ao declive territorial, mais tarde seria chamado de Vale Vêneto, por causa da grande presença de italianos da região de Veneto, na Itália.

Para entendermos a formação da comunidade entre os imigrantes italianos, tomamos como referência Weber (2000, p. 71), “chamamos de comunidade a uma relação social que [...] baseia-se em um sentido de solidariedade: o resultado de ligações emocionais ou tradicionais dos participantes”. Assim, a comunidade é resultado de relações sociais estabelecidas por um grupo que, em geral, possui interesses em comum, sobretudo a cultura como fator de identificação cultural. No caso dos italianos, um desses fatores era a religião católica.

Em terras brasileiras, os imigrantes buscaram recriar seu universo simbólico, através de uma identidade ligada ao campesinato, à família e a religião. A religião, segundo Bourdieu (1989), integraliza o indivíduo socialmente a um determinado grupo social. Nesse ponto, ela serviu como um mecanismo de aproximação dos grupos emigrados, tendo em vista que cada um possuía suas diferenças culturais, trazidas de suas regiões de origem. Portanto, a religião serviu como um elemento importante na formação da comunidade.

Através do compartilhamento de suas práticas culturais, os imigrantes determinaram a lógica de funcionamento do campo religioso. Isso

se deu, por meio de suas experiências, comportamentos e ações dos agentes sociais inseridos na sociedade, na qual, Bourdieu (1989), definiu como *habitus*. Tal conceito é determinado por um “[...] sistema de disposições socialmente constituídas que, [...] constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes” (BOURDIEU, 2007, p. 191). Os agentes sociais seriam os italianos que, através de sua fé e devoção religiosa, buscaram organizar a comunidade em prol de seus interesses, ou seja, formar uma comunidade católica. Esse *habitus* foi formado pelas experiências vividas no mundo rural italiano, bem como pelo processo migratório, ao qual os emigrantes foram submetidos.

A maioria dos imigrantes que chegaram a Quarta Colônia de Imigração Italiana eram católicos. Esse catolicismo do italiano, estava ligado à religiosidade popular de suas regiões de origem na Itália. Sendo assim, um catolicismo marcado pelo ritualismo e misticismo, ao mesmo tempo, pela doutrina oficial católica, representado por um catolicismo romanizado (BENEDUZI, 2008).

Numa manifestação de religiosidade, o devoto utiliza elementos que são característicos da religião oficial, sem sentir-se embaraçado por isso. Gestos como rezar orações próprias da religião oficial ou pedir a celebração de missas para pagar uma promessa feita a um santo não reconhecido oficialmente não o constroem, pois ele continua considerando-se sempre ligado à sua religião” (ANDRADE, 2008, p. 238).

Para marcar a presença do sagrado em suas comunidades, os imigrantes buscaram criar um patrimônio que desse segurança aos colonos, através da

criação de Igrejas, capelas, capiteis, entre outras construções que reforçassem a religiosidade. Assim, demarcando a relação entre o cotidiano e sagrado por meio da proteção de Virgem Maria, Jesus Cristo e dos santos de devoção (PASSUELLO, 2012).

Uma das primeiras expressões da religiosidade popular em Vale Vêneto foi a construção da capela de São Francisco de Assis em 1879. Consta que Paulo Bortoluzzi, um dos fundadores da comunidade, e outros membros tinham trazido essa devoção de Piavon (Itália), onde, inclusive, frequentavam a Ordem Terceira de São Francisco de Assis (VENDRAME, 2013).

Para construir a capela São Francisco de Assis, elegeu-se três fabriqueiros que ficariam responsáveis pela obra: Luiz Pozzobom, Isidoro Lovato e Jacób Iop. Com a capela pronta, era comum os imigrantes se reunirem aos domingos para rezar o terço e acompanhar a Santa Missa. Sem escolas próximas, dois catecistas ensinavam o evangelho para as crianças (CERETTA, 1941). Inicialmente, sem padres na comunidade, a figura do padre leigo acabava ocupando uma posição de destaque entre os colonos, sendo responsável pela organização da capela.

3. O catolicismo romanizado em Vale Vêneto/RS

A primeira congregação religiosa a chegar em Vale Vêneto foi a Pia Sociedade das Missões (padres e irmãos palotinos). A congregação veio por intermédio do imigrante Antonio Vernier, que fora financiado pelos colonos para procurar padres na Europa. Na Itália, Vernier teria se encontrado com o padre Guilherme Whitmee, Procurador Geral dos palotinos, e o mesmo teria se interessado em conhecer a comunidade italiana na região central

do Rio Grande do Sul. Isso teria acontecido em 1885, e já no ano seguinte, Whitmee chegaria acompanhado de dois sacerdotes: padre Francisco Schuster (alemão) e padre Jacó Pfaendler (suíço) (BONFADA, 1991).

Com a chegada da Pia Sociedade das Missões, se constituiria uma nova devoção em Vale Vêneto, agora dedicada a Corpus Christi, nome da Igreja Matriz inaugurada pelos palotinos em 1909. A Igreja teria sido construída 70 metros abaixo da capela de São Francisco de Assis, o templo religioso possuía grandes proporções para a época, estruturando-se com 39 metros de comprimento e 17 metros de largura. Ao longo dos anos, a Igreja recebeu inúmeras reformas, além de receber imagens esculpidas em madeira e alfaias litúrgicas feitas em ateliês europeus (Revista Rainha dos Apóstolos, ano VII, nº 5, maio de 1929, p. 08).

A Igreja constituía um centro de localização espacial da comunidade. Aos domingos, era comum os imigrantes reunirem-se para ir à missa. Muito, além disso, era uma forma de encontrar-se com a vizinhança e confraternizar com as mais diversas relações sociais. Segundo os palotinos, a frequência às missas, sacramentos e festividades religiosas, era uma forma de demonstrar a religiosidade e moralidade dos habitantes (Revista Rainha dos Apóstolos, ano VII, nº 5, maio de 1929, p. 08).

A medida que os palotinos estabeleceram-se em Vale Vêneto, diversas associações religiosas foram criadas. Essas associações geralmente eram acompanhadas por um pároco, embora alguns associados ocupassem alguns cargos, eram os sacerdotes que tinham o poder de decisão, a eles cabiam organizar as reuniões mensais e os encontros festivos (MARIN, 1999).

Quadro 2: Associações religiosas em Vale Vêneto/RS (1929)

Nome da Associação religiosa	Número de Associados	Localização
Ordem Terceira de São Francisco	Aproximadamente 60 sócios	Paróquia de Vale Vêneto
Irmandade do Santíssimo Sacramento	Aproximadamente 80 sócios	Paróquia de Vale Vêneto
Confraria de Nossa Senhora do Carmo	2 mil membros	Paróquia de Vale Vêneto
Apostolado da Oração	2 mil sócios	Paróquia de Vale Vêneto (com um subcentro em São João do Polêsine e Ribeirão)
Confraria das Filhas de Maria	48 sócias	Paróquia de Vale Vêneto
União dos Moços Católicos	aproximadamente 300 sócios	Paróquia de Vale Vêneto

Fonte: Revista Rainha dos Apóstolos, ano VII, nº 5, maio de 1929, p. 14. **Org.** Autor.

As relações de poder, instituídas entre as associações religiosas e os fiéis, faziam que os associados tivessem que seguir condutas recomendadas pelos sacerdotes. Para isso, os padres vigiavam de perto os imigrantes, seja de família em família, nas reuniões mensais, e até nos confessionários (MARIN, 1999).

Outro empreendimento proposto pelos palotinos foi a construção de um seminário. A ideia era receber jovens que tivessem vocação pela vida religiosa, ao mesmo tempo, expandir a Congregação Palotina na região, através da formação de novos sacerdotes. Inicialmente, sem um espaço próprio, o seminário funcionou junto à Casa Paroquial da comunidade, onde o padre

João Batista Vogel recebia os meninos. No entanto, temos, em um segundo momento, a transferência de Vogel para a Europa e, assim, o fechamento do seminário em 1886.

No ano de 1914, a Casa Paroquial voltaria a receber seminaristas. A partir desse momento, os padres palotinos elaboraram um projeto de erguer um seminário próprio. Em 02 de fevereiro de 1922, o seminário foi inaugurado como o nome de “Collégio Regina Apostolorum” (Rainha dos Apóstolos). O novo reitor, padre Rafael Iop, assumiu o seminário acompanhado de 25 alunos. (Revista Rainha dos Apóstolos, ano VII, nº 5, maio de 1929, p.14).

Imagem 1: Grupo de seminaristas do Seminário Rainha dos Apóstolos com Dom Antônio Reis (centro), Bispo de Santa Maria/RS, Vale Vêneto/RS (1937)



Fonte: Envelope com fotografias de Vale Vêneto/RS. Arquivo Palotino Província Nossa Senhora Conquistadora – Santa Maria/RS.

Sob a liderança de Paulo Bortoluzzi e alguns colonos, os imigrantes de Vale Vêneto também buscaram trazer para a comunidade as Irmãs do Imaculado Coração de Maria. De acordo com Marcuzzo (1992, p.32), “além de padres estáveis [...], eles queriam também ter um colégio de irmãs, para instruir, educar e formar os seus filhos na fé”. Para a Igreja Católica, a educação tinha muita importância e era um importante mecanismo para manter e captar novos fiéis, sobretudo, após a Proclamação da República (1889), onde se instituiu o ensino laico.

As Irmãs do Imaculado Coração de Maria chegaram à Vale Vêneto, no dia 26 de julho de 1892, estabelecendo-se em uma pequena casa doada por Paulo Bortoluzzi. No mesmo ano, fundaram a Escola Nossa Senhora de Lourdes, que recebia inicialmente meninas. Em uma ala separada criou-se o Pensionato São Luiz, que recebia meninos de até doze anos de idade.

A Escola Nossa Senhora de Lourdes se tornou referência para a comunidade e região, seja pela insuficiência de escolas na localidade, como também por ser uma instituição católica. Muitas jovens também pediam admissão na congregação e isso podia ocorrer por uma série de fatores. Um deles seria a influência da família e da Igreja, desde pequenas as crianças eram incentivadas a participar dos cultos católicos e, as que se destacavam, muitas vezes, eram incentivadas a tornarem-se padres ou freiras. Outro motivo, seria uma forma de ascensão social via estudo, o que era muito importante, devido à situação

econômica que muitas famílias se encontravam (ZANINI, 2013).

As primeiras religiosas das irmãs de Maria a estabelecerem-se em Vale Vêneto foram: Madre Maria Batista das Cinco Chagas, Irmã Maria Crisanta do Sagrado Coração de Jesus, e a juvenista Hipólita Michelotti. De acordo com o Álbum das Irmãs (1992), Madre Batista, a primeira diretora da escola, recebeu entre 1892 e 1913, 18 aspirantes à vida religiosa. Das 17 candidatas, 6 eram de origem italiana (Maria Pia Francesca Bortoluzzi, Ana Catharina Montagner, Maria Druzian, Martinha Mizzola, Domênica Cauduro, Rosa Bisognin); 6 de Vale Vêneto (Rosa Bevilacqua, Angela Bevilacqua, Apparlice Bortoluzzi, Engrácia Moro, Maria Pozzobom, Raquel Dotto); 1 de Alfredo Chaves, atual Veranópolis (Nunciata Michelotti); 2 de Silveira Martins (Maria Bortoluzzi, Luiza Tomazzetti); 1 de Bento Gonçalves (Angelina Dalmolin). Todas postulantes, iniciavam seus estudos em Vale Vêneto e depois transferiam-se para Porto Alegre, onde iniciavam o noviciado.

Nos primeiros anos, a escola foi ampliada e chegou a receber mais de 100 crianças. Consta que o número de analfabetos era mínimo. Em 1929, por exemplo, a instituição recebia alunas internas (pensão de 45\$000 réis), semi-internas e externas (Revista Rainha dos Apóstolos, ano VII, nº5, maio de 1929, n.p.). Além do ensino primário, as meninas aprendiam cursos de corte e costura, música e datilografia, frequentavam celebrações religiosas, participando de atividades de eucaristia e crisma.

Imagem 2: Alunas internas da Escola Nossa Senhora de Lourdes com suas Superiores, Vale Vêneto/RS (1926)



Fonte: Álbum nº 1 – Centenário da Casa de Retiros Nossa Senhora de Lourdes Vale Vêneto (1992). Arquivo da Escola Nossa Senhora de Lourdes (AENSL) – Vale Vêneto/RS.

Para entrar na congregação, as candidatas deviam seguir uma série de requisitos, conforme as Bases de Admissão das Postulantes das Irmãs do Imaculado Coração de Maria. Entre eles estavam: piedade, docilidade, gozar de boa saúde, bons antecedentes familiares. Por outro lado, não seriam aceitas meninas com algum defeito físico, filiação ilegítima ou que os pais padecessem de doenças contagiosas. As aprovadas deveriam ter um dote concedido pelos pais, entre Cr\$ 3.000,00 a Cr\$ 6.000,00. Em casos especiais, aceitavam-se algumas candidatas que se enquadrassem na “perfeição religiosa e espírito do sacrifício” (AZEVEDO, 1949).

Considerações finais

A religiosidade entre os imigrantes italianos se constituiu como uma

categoria da identidade cultural. Nesse contexto, a religião assumiu um papel de integrar socialmente os imigrantes. Reunidos através de um patrimônio religioso, os imigrantes constituíram um elo para marcar a presença do sagrado em suas colônias.

Era importante para os imigrantes recriarem em suas comunidades seu universo simbólico, sendo também uma forma de fugir da desintegração social e do isolamento da nova terra. Dessa forma, a Igreja Católica buscou integrar os imigrantes através de uma identidade coletiva, instituindo aos colonos às práticas e cultos católicos.

Com a chegada de congregações religiosas, a comunidade de Vale Vêneto viu rapidamente o desenvolvimento social e religioso da colônia. A Pia sociedade das Missões,

em poucos anos, ergueu uma Igreja Matriz, um seminário e criou diversas associações religiosas. Os padres palotinos trabalharam atendendo às necessidades espirituais dos imigrantes, como também criaram mecanismos de controle social e moral dos colonos, ao mesmo tempo, buscaram expandir sua congregação através da formação de novos sacerdotes.

As Irmãs do Imaculado Coração de Maria, instituíram em Vale Vêneto, uma escola de ensino confessional. Tanto para os imigrantes, como para a Igreja, era importante manter as crianças e adolescentes enquadrados nos bons costumes cristãos. A Igreja romanizada também via com bons olhos a educação religiosa, vista como uma forma de manter seu capital simbólico na sociedade que se formava.

Referências

- Álbum nº 1 – Centenário da Casa de Retiros Nossa Senhora de Lourdes Vale Vêneto (1992). Arquivo da Escola Nossa Senhora de Lourdes (AENSL) – Vale Vêneto/RS.
- ANDRADE, S. R. . A religiosidade católica e a santidade do mártir. **Projeto História** (PUCSP), v. 37, p. 237-260, 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufrn.br/mneme/article/viewFile/1036/953>> Acesso em 10 jun.2018.
- AZEVEDO, Soares D'.. **Uma vida e uma obra**: 1º centenário da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria. Rio de Janeiro: [s.n.], 1949.
- BONFADA, Genésio. **Os palotinos no Rio Grande do Sul**. 1886 a 1916: fim da Província Americana. Porto Alegre: Editora Pallotti, 1991.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6º edição. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BENEDUZI, Luis Fernando. Imigração italiana e catolicismo: entrecruzando olhares, discutindo mitos. Porto Alegre: Edipucrs, 2008.
- CERETTA, Antônio. História de Vale Vêneto (1877-1886), 1941(tradução do autor da escrita original de 1894). Arquivo Palotino Província Nossa Senhora Conquistadora – Santa Maria/RS.
- Envelope com fotografias de Vale Vêneto/RS. Arquivo Palotino Província Nossa Senhora Conquistadora – Santa Maria/RS
- MARCUZZO, Padre Clementino. **Centenário da chegada das irmãs e fundação do Colégio** – Vale Vêneto, 1892 – 1992. Santa Maria: Pallotti, 1992.
- MARIN, Jérri Roberto. “Combatendo nos exércitos de Deus: as associações devocionais e o projeto de romanização da Igreja Católica”, In: MARIN, Jérri Roberto (Org.). **Quarta Colônia**: Novos Olhares. Porto Alegre: EST, 1999.
- MONTEIRO, Lorena Madruga. Religião, cultura e política: o apostolado laico dos jesuítas no RGS e os espaços sociais de atuação. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/32888?locale-attribute=es>>. Acesso em: 20 set. 2017.
- PASSUELLO, Annarosa. **I capitelli di Rotzo**. Monografia (Especialista em História da Arte). UNIVERSITÀ degli studi di PADOVA – Facoltà di lettere e filosofia, PADOVA, 2011-2012. Disponível em: <<https://docplayer.it/22981905-I-capitelli-di-rotzo.html>>. Acesso em: 13.set.2018.
- REVISTA RAINHA DOS APÓSTOLOS, ano VII, nº 5, 1929.
- ROUX, Rodolfo R. de. La romanización de la Iglesia católica en América Latina: una estrategia de larga duración. vol.25, n.1. **Proposições** [online]. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v25n1/v25n1a03.pdf>>. Acesso em: 20 dez.2018.
- SERBIN, Kenneth P. **Padres, celibato e conflito social**: uma história da Igreja Católica no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SILVA, F. R.. A capela como ponto de referência religiosa e cultural para a formação dos primeiros povoados da imigração italiana na região norte do RS. In: **8 Bienal del Colóquio de Transformaciones Territoriales: Territorio y Territorialidades en Movimiento**, Buenos Aires, 2010. Disponível em:

<<http://www.augm-cadr.org.ar/archivos/8va-bienal/MV.37.doc>>. Acesso em 12 abr.2017.

VENDRAME, Maíra Ines. **Ares de vingança: redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre imigrantes italianos no sul do Brasil (1878-1910)**. 2013. 478p. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/3909/1/000446790-Texto%2bCompleto-0.pdf>>. Acesso em: 14 jul.2017.

VIEIRA, David Gueiros. **O protestantismo, a Maçonaria e a “questão religiosa” no Brasil**. 2º edição, Brasília: Unb, 1981.

WEBER, Max. **Conceitos básicos de sociologia**. São Paulo: Centauro, 2000.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Fé escrita: elementos literários da imigração italiana no Sul do Brasil. **TESSITURAS**, Pelotas, jul./dez.2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/te ssituras/article/viewFile/2717/2655>>. Acesso em 05 mai.2018.

Recebido em 2018-12-12
Publicado em 2019-07-04